

ROTA 2

TRILHA BOTÂNICA PELO PARQUE DO RETIRO MAIS AMERICANO

ROTAS ARTÍSTICAS, BOTÂNICAS E HISTÓRICAS
DA IBERO-AMÉRICA EM MADRI (RETIRO)

OEI **UCCI** 



ÍNDICE

TRILHA BOTÂNICA PELO PARQUE DO RETIRO MAIS AMERICANO

-
- | | |
|--------------------------|---------|
| Início da rota | P. 7 → |
| 1 Cipreste-mexicano | P. 14 → |
| 2 Magnólia | P. 19 → |
| 3 Carvalho-dos-pântanos | P. 20 → |
| 4 Espinheiro-da-virgínia | P. 22 → |
| 5 Araucária | P. 24 → |
| 6 Sequoia-gigante | P. 27 → |
| 7 Laranjeira-de-osage | P. 29 → |
| 8 Cipreste-dos-pântanos | P. 33 → |
| 9 Cipreste-da-califórnia | P. 35 → |
| 10 Bordo-prateado | P. 37 → |
| 11 Liquidâmbar | P. 39 → |
| 12 Sequoia-vermelha | P. 41 → |
-

ÍNDICE

TRILHA BOTÂNICA PELO PARQUE DO RETIRO MAIS AMERICANO

13 **Assobiadeira**

P. 43 →

14 **Cipreste-do-arizona**

P. 46 →

15 **Catalpa**

P. 48 →

16 **Acácia-bastarda**

P. 50 →



ROTAS ARTÍSTICAS, BOTÂNICAS E HISTÓRICAS DA IBERO-AMÉRICA EM MADRI (RETIRO)

Este guia é fruto do trabalho conjunto entre a Organização de Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI) e a União das Cidades Capitais Ibero-Americanas (UCCI), que realizaram este projeto dedicado aos Jardins do Retiro e seus arredores, no distrito madrilenho “Retiro”, com a convicção de que eles formam um espaço ideal para destacar a presença de elementos do patrimônio natural e cultural da Ibero-América.

Rastreando o Parque do Retiro, podemos encontrar vestígios da relação entre esta grande área verde e a história ibero-americana. Um passado entrelaçado que, às vezes, dorme, levemente esquecido, alheio ao frenesi dos dias de hoje. Mergulhamos neste passado para trazer à tona momentos de encontro e recuperar a memória de mulheres e homens que, ao longo dos séculos, fizeram inúmeras viagens de ida



e volta, de um lado a outro do Atlântico. Nosso objetivo é compartilhar suas histórias, esses encontros, com qualquer pessoa que visitar o Retiro. Algumas histórias aconteceram em um mundo muito diferente do que conhecemos hoje, mas ainda nos reconhecemos nesses acontecimentos. Fizeram, fazem e sempre farão parte de “nós”, desse “nós” unidos por uma cultura comum. A história da Ibero-América e sua cultura estão vivas em Madri e é isso que queremos mostrar em nosso passeio pelo Retiro através destas rotas. Uma proposta que incentiva a recuperação deste patrimônio cultural comum e o fortalecimento dos laços de afeto e colaboração para continuar construindo um futuro compartilhado



ROTA 2

TRILHA BOTÂNICA PELO PARQUE DO RETIRO MAIS AMERICANO

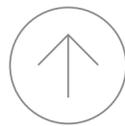
Cipreste-mexicano no jardim parterre do Retiro. Rotas Pangea. 2021



TRILHA BOTÂNICA PELO PARQUE DO RETIRO MAIS AMERICANO

Neste passeio botânico pelo Retiro, selecionamos espécies nativas do continente americano, já que parte do território atual dos Estados Unidos pertenceu à Coroa Espanhola (Texas, Arizona, Califórnia, Louisiana, Flórida etc.). Às vezes, encontraremos espécies que têm sua origem fora dos limites da Ibero-América, mas as incluímos nesta trilha com o desejo de construir pontes entre os dois continentes.

No século XVIII, a Espanha organizou várias expedições científicas para estudar a natureza americana e sua possível utilidade. Uma das mais importantes teve início em 1777, a expedição botânica ao Vice-Reino do Peru, que então era formado pelo Peru e



Chile, e que durou quase onze anos. Partiu de Cádiz e foi dirigida por Hipólito Ruiz López, que na época ainda era estudante de farmácia. Foi acompanhado pelo médico francês Joseph Dombey, como segundo botânico, pelo farmacêutico José Antonio Pavón y Jiménez, como botânico, e José Brunete e Isidro Gálvez, ambos ilustradores de plantas.

Considerada uma das expedições científicas mais importantes da época, as coleções chegaram a Cádiz em 1788, e foram depositadas em Madri no Escritório Botânico da Flora do Peru, órgão vinculado à Secretaria da Graça e Justiça das Índias e criado expressamente para publicar a “Flora Peruviana y Chilense”, em 1792.

A coleção principal do herbário está desde 1831 no Herbário do Real Jardim Botânico de Madri, onde também se conserva a coleção de cerca de 2.254 desenhos e descrições botânicas. Quase toda a documentação administrativa sobre a expedição e a publicação da “Flora Peruviana”, assim como as coleções biológicas não-botânicas coletadas, estão no Museu Nacional de



Ciências Naturais, em Madri. O material etnológico reunido encontra-se no Museu da América, também em Madri.

A ciência, em todas as suas vertentes, tem estado muito presente no Parque do Retiro, este Retiro que tem acolhido todos os tipos de manifestações artísticas e científicas.

A primeira Escola de Engenharia Civil, construída em Madri, foi fundada em 1802 e situava-se no “Palacio del Buen Retiro”. No entanto, durante a invasão francesa de 1808, o edifício e o magnífico museu de máquinas do Gabinete Real foram destruídos.

O Retiro esconde surpresas e lugares pouco conhecidos, como a antiga Escola de Engenheiros Civis, construída em meados do século XIX para compensar a perda da anterior. Os avanços ocorridos na Espanha naqueles anos, e a tentativa de modernizar o país, fizeram com que os sucessivos edifícios que serviram de sede provisória para a escola se tornassem muito pequenos.

O interesse em criar infraestruturas para nos colocar no mesmo nível científico que outros países europeus, como Inglaterra ou



França, levou à construção deste magnífico edifício.

O lugar escolhido para construir a nova escola foi o denominado “Cerrillo de San Blas”, dentro dos terrenos que pertenciam ao “Palacio del Buen Retiro” e ao lado do Observatório Astronômico, projetado por Juan de Villanueva. Desta forma, os dois edifícios que seriam utilizados para continuar desenvolvendo o conhecimento científico de ponta foram concentrados na mesma parte da cidade.

Pío Baroja, basco universal e grande pintor paisagista da literatura espanhola, que nos cumprimenta entre a Porta do “Ángel Caído” (anjo caído) e a “Cuesta de Moyano”, frequentava o parque e gostava de fazer longos passeios por ele. Caminhava e criava, aqui imaginou suas “Noches del Buen Retiro” e pensou “El Árbol de la Ciencia”, que se ramificou e deu frutos pelo parque inteiro.



Prefeitura de Madri. Museu de História de Madri.
Observatório Astronômico. Hauser y Menet. 1902.

Mais uma conexão antes de iniciar nossa rota botânica. Muitos de nós não lembramos que o parque já foi atravessado por inúmeros canais navegáveis, fontes e lagos. Isso era possível graças à abundância de águas subterrâneas, riachos como o “de Abroñigal” e, muito importante, um conduto de água que foi trazido de outra propriedade real próxima, a Quinta de Miraflores ou da Fonte “del Berro”. Felipe IV tinha cedido a



quinta aos monges de Montserrat, vindos da Catalunha, mas se reservou o direito às ricas águas de sua nascente, grande parte das quais estava canalizada para o Retiro.

Hoje apreciamos a beleza do vizinho Parque da Fonte “del Berro” e encontramos conexões com nosso objetivo de tornar conhecidas essas viagens de ida e volta à Ibero-América. Até este parque chega a rua José Celestino Mutis, botânico e matemático nascido em Cádiz, em 1732, médico do Marquês de la Vega, vice-rei de Nova Granada, que chegou à América em 1760, onde fundou uma cátedra de matemática e um observatório astronômico.

Faleceu em Santa Fé de Bogotá em 1808 e deixou um trabalho inédito que surpreendeu os botânicos: “Flora de la Real expedición botánica del Nuevo Reino de Granada”.



Ao lado dela, outra rua de grande interesse para nós, Jorge Juan. Cosmógrafo, astrônomo e marinheiro espanhol, nasceu em Novelda, em 1713, e morreu em Madri, em 1775. Ele participou da expedição Condamine ao vice-reinado do Peru, uma grande expedição para medir um arco do meridiano perto da linha do Equador e para determinar as figuras e dimensões da Terra.



Prefeitura de Madri. Arquivo “de la Villa. “Tres noches de fuegos para celebrar la entrada en público del rey Don Carlos tercero, en el R. Sitio del Buen Retiro”, Joseph de Bargas, 1760.



1 Cipreste-mexicano

Taxodium mucronatum Ten



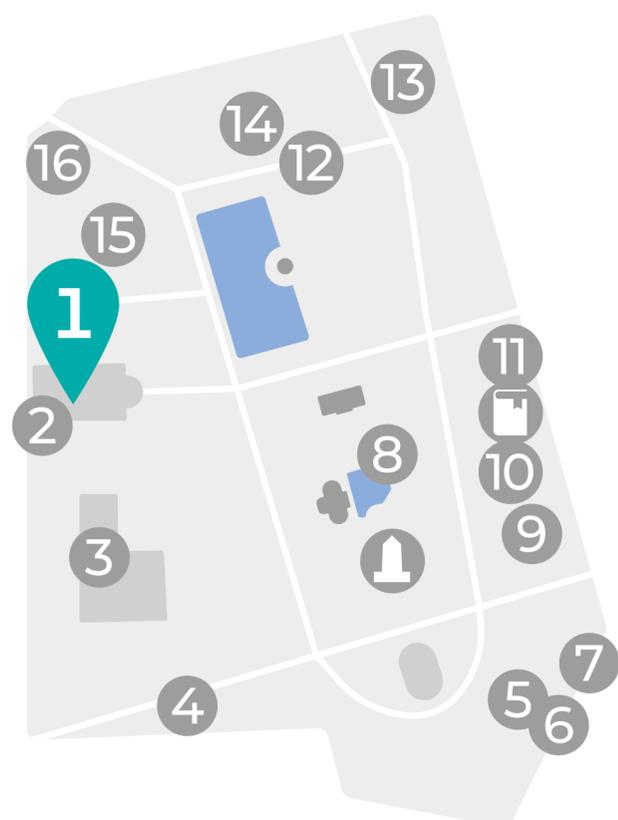
Pode viver até 6.000 anos



Altura máxima de 50 m.



A árvore mais grossa do mundo tem 14 metros de diâmetro e pertence a esta espécie



Nossa rota botânica começa no jardim Parterre, no **cipreste-mexicano** (*Taxodium mucronatum* Ten), uma conífera nativa do México, como seu nome indica.

São árvores de vida muito longa e no México há alguns exemplares com 2.000 e 6.000 anos de idade. Com uma altura máxima de 40-50 metros, seu tronco tem casca fibrosa marrom ou cinza com tons avermelhados, que se desprende em tiras; dele se ramificam numerosos galhos principais e praticamente verticais, parecendo um candelabro. Em seu país de origem, suas folhas são perenes, enquanto nas áreas frias onde se cultiva hoje, estas caem durante



o inverno, permanecendo na árvore entre abril e novembro. Seu grande porte e copa frondosa, assim como sua cor durante o outono, fazem com que esta espécie seja utilizada basicamente para fins ornamentais. Quanto a sua resina, as folhas e a casca parecem ter propriedades contra doenças de pele e rins, além de ajudar a curar feridas e queimaduras.

No Retiro, há apenas um exemplar do cipreste-mexicano e nos pareceu a árvore mais emblemática para começar nossa rota. Foi incluída no Catálogo de Árvores Singulares da Comunidade de Madri pelo decreto 18/92 de 26 de março de 1992.

As lendas e narrativas orais também são uma parte importante de nossa cultura. Vamos compartilhar várias histórias sobre a origem desta árvore.



Cipreste-americano no parterre do Retiro. Rotas Pangea. 2021



- Muitas vezes ouvimos dizer que esta é a árvore mais antiga de Madri, plantada por volta de 1632, nos primeiros momentos do Parque do Retiro. Diz-se que pode ser uma descendente da árvore sob a qual Hernán Cortés passou a conhecida “Noite Triste”, após sua derrota pelo exército mexicano nos arredores de Tenochtitlán (hoje Cidade do México), em 30 de junho de 1520.
- Outra lenda nos conta que se trata de um ramo da árvore de Tule (Santa María del Tule, Oaxaca, México), um cipreste-mexicano com mais de 2.000 anos e 14 metros de diâmetro, sendo considerada a árvore mais grossa do mundo.
- Também se diz que este espécime não foi danificado durante a Guerra da Independência, apesar da devastação dos jardins, porque o exército francês usou seus ramos como suporte para um de seus canhões. No entanto, a própria orientação da árvore torna esta explicação pouco provável.



Este cipreste-mexicano não é o único de seu tipo na Comunidade de Madri; tem irmãos nos jardins do Palácio Real de Aranjuez.

Existem documentos oficiais da chegada de alguns exemplares em Madri com destino a Aranjuez, trazidos por expedições botânicas espanholas, por volta de 1783, depois de ter passado uma temporada nos jardins de aclimatação do “Puerto de la Cruz”, em Tenerife. Será que nosso cipreste-mexicano veio nesse lote? Não podemos ter certeza, mas sua origem tem sido a causa de inúmeras lendas que também compõem nossa cultura comum.

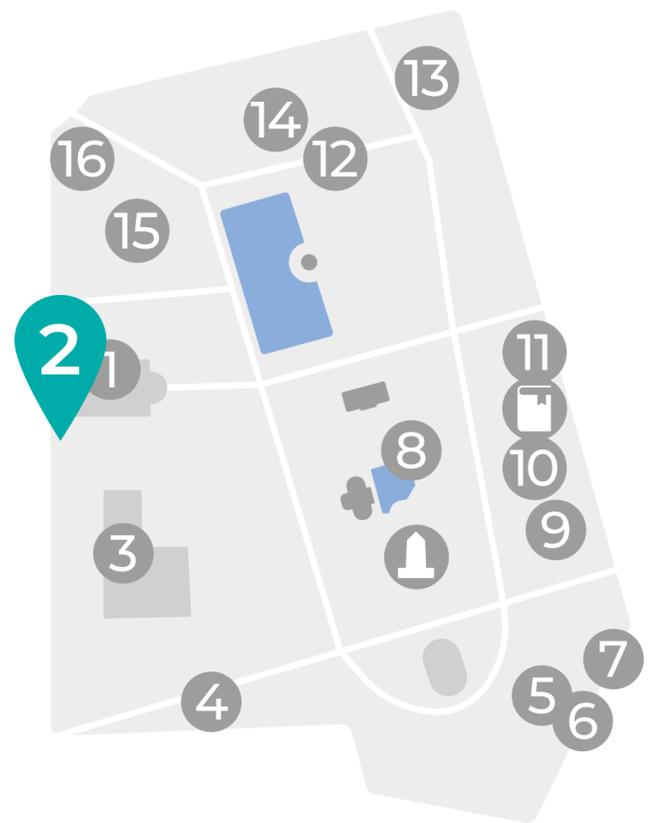


2 Magnólia

Magnolia grandiflora

🔍 Descoberta por Pierre Magnol

⚙️ Sua madeira é utilizada em marcenaria



Aqui perto, no Parterre, paramos em uma **Magnólia** (*Magnolia grandiflora*), que é originária do sudeste dos Estados Unidos. Seu nome faz alusão ao botânico francês Pierre Magnol, seu descobridor, enquanto a denominação específica “grandiflora”, refere-se a suas “grandes flores”.

Se há uma coisa que caracteriza estas árvores, é o brilho da folhagem de sua densa copa piramidal. Suas folhas são perenes, elípticas e longas, com uma cor verde forte na parte superior e uma cor ligeiramente avermelhada na parte inferior, que é coberta por uma penugem. Floresce no verão, entre junho e agosto, oferecendo as maiores flores do parque, que podem chegar a medir mais de 30 centímetros de diâmetro. As magnólias são brancas e com forma de copo, exalando um aroma muito agradável.



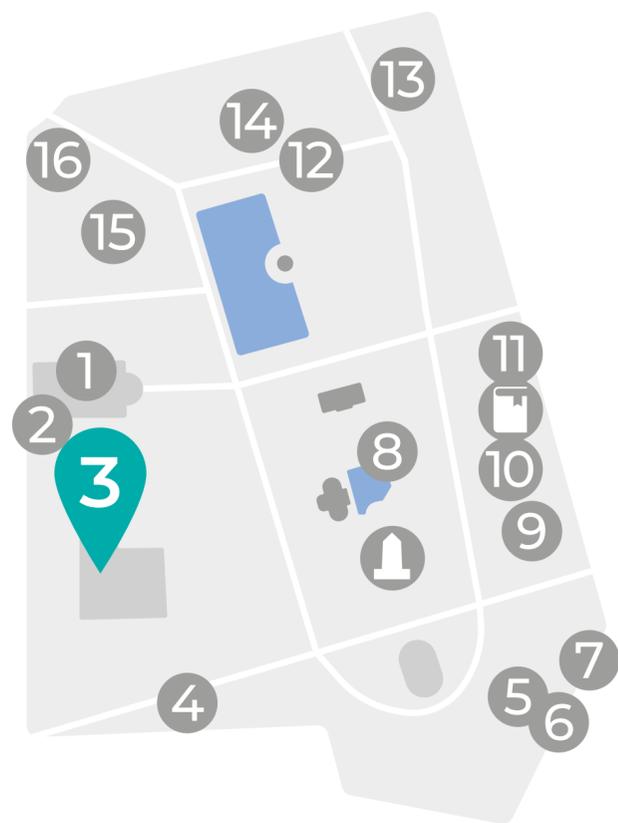
A beleza de suas flores e seu aroma intenso a tornam perfeita como uma árvore ornamental. Sua madeira também é utilizada na marcenaria.

3 **Carvalho-** **dos-pântanos**

Quercus palustris

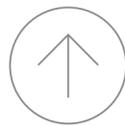
 Pertence à família das azinheiras

 Principal alimento de algumas espécies selvagens



Vamos para o “Bosque del Recuerdo”, visitar o **Carvalho-dos-pântanos** (*Quercus palustris*). Tem este nome porque cresce em áreas pantanosas, procedente do leste da América do Norte. É da família de nossa azinheira, duas árvores que pertencem ao gênero *Quercus*.

Tem raízes rasas para obter oxigênio nestas áreas alagadas, que são muito fibrosas, dando-lhe assim a estabilidade necessária para se manter em pé. As folhas permanecem na árvore entre abril e outubro, começando a cair por volta de novembro.



Têm 5 ou 7 lóbulos muito marcados e pontiagudos, e a parte inferior das folhas é coberta por uma penugem marrom, na área onde as nervuras se juntam.

Nas áreas de onde é originário, o carvalho-dos-pântanos tem um papel vital, pois suas bolotas são o principal alimento de alguns animais, como o peru-selvagem, o veado-da-virgínia, ou o pato-carolino. É uma árvore muito utilizada na jardinagem, graças ao colorido de suas folhas, que passam de verde brilhante no verão e na primavera, para vermelho no outono, e marrom quando estão prestes a cair.

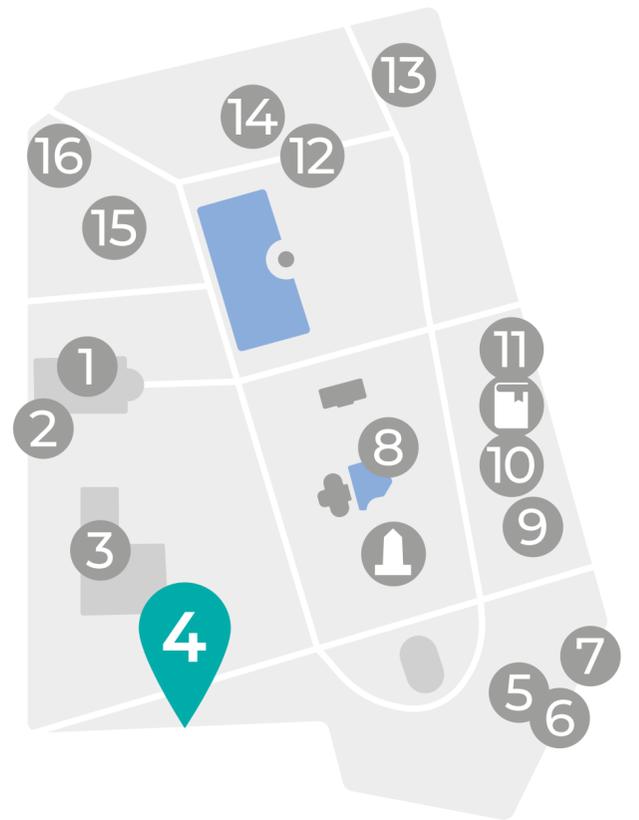




4 Espinheiro-da-virgínia

Gleditsia triacanthos

-  Resistente ao clima seco e frio
-  Sua madeira, vagens e sementes são muito apreciadas



Vamos ao Passeio de Fernán Nuñez, em frente à placa comemorativa do fotógrafo Juanxu Rodríguez, que já mencionamos na rota 1. Paramos para contemplar um **Espinheiro-da-virgínia** (*Gleditsia triacanthos*), de origem norte-americana.

A maioria de seus espinhos tem três pontase se estendem ao longo do tronco e dos ramos, especialmente em espécimes jovens, seja isoladamente ou em pequenos grupos. Daí seu nome científico, formado pelo prefixo “tri” (“três”) e “acanthos”, que vem da palavra grega “akanta”, que significa “espinho”.



É uma espécie que tolera muito bem ambientes secos e climas frios, por isso não encontrou dificuldades para se adaptar ao ambiente do Parque do Retiro.

É uma árvore pequena, de 10-12 metros de altura. Essas acácias são frequentemente plantadas em parques e nas margens de algumas estradas, além de fazerem parte de cercas-vivas. A madeira é utilizada na carpintaria e marcenaria. As vagens contêm uma substância gelatinosa chamada de mucilagem, que tem sido usada como espessante em sorvetes e cremes. As sementes são usadas como um substituto do café. Estas leguminosas também têm sido utilizadas em algumas áreas para alimentar o gado em tempos de escassez, embora isso não seja muito aconselhável, pois têm um efeito laxante.



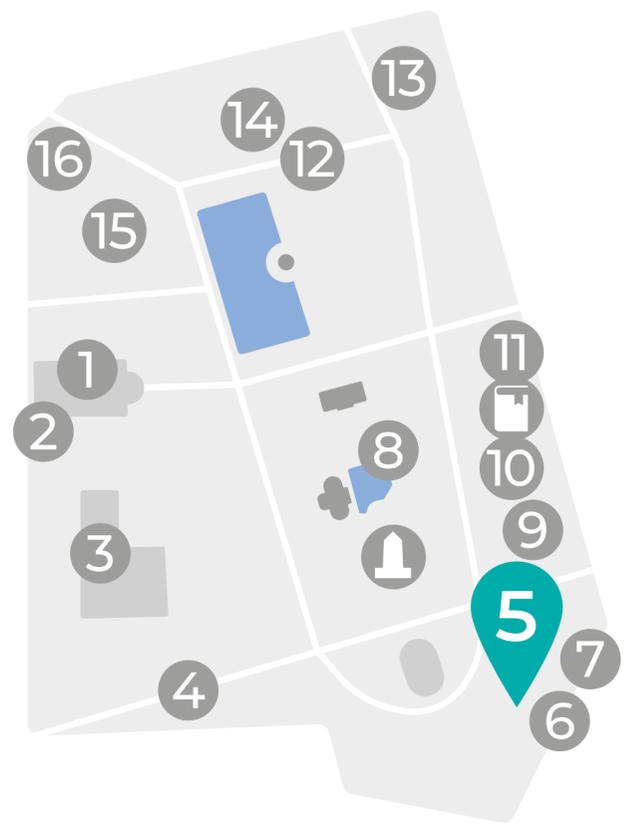
5 Araucária

Araucaria araucana

 Nativa dos Andes

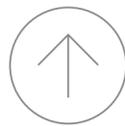
 Pode atingir até 30 metros de altura

 Suas sementes servem de alimentos para os povos andinos



Chegamos à estátua da Fonte “del Ángel Caído” e continuamos pelo Paseo de Fernán Núñez, contornando a magnífica Rosaleda do Retiro para nos situarmos no lugar onde estava o último exemplar de uma árvore de uma espécie lendária, a **Araucária** (*Araucaria araucana*), originária do sul da Cordilheira dos Andes (Chile e Argentina). Também é conhecida como araucária-do-chile, pinheiro chileno “Peuhén”, entre outros nomes.

O espécime que havia no Parque do Retiro morreu no verão de 2017. Mas há outro muito perto daqui, no Jardim Botânico, que foi plantado em 2005. É uma árvore que pode atingir até 30 metros de altura,



embora na Europa raramente ultrapasse 20 metros, e tem um tronco cônico que pode medir até 3 metros de diâmetro. Sua casca é formada por uma série de placas de formato poligonal de tamanho irregular, e as cores variam do vermelho ao cinza escuro. Conserva as folhas entre os meses de abril e outubro. Estas são muito pontiagudas, aderindo aos ramos muito unidas, dando a impressão de serem escamas verdes escuras. Como os ramos da Araucária crescem em forma de longos cilindros, é conhecida popularmente pelo nome de “rabo-de-macaco”. Também é chamado em espanhol de “pino de brazos” (pinheiro de braços), porque seus ramos se desenvolvem perpendicularmente ao tronco. Esta espécie pode ser macho ou fêmea, florescendo entre abril e maio. Após a germinação, os frutos permanecem na árvore por muito tempo.

Os cones femininos são ovais, crescem isolados e são verdes durante o primeiro ano, ficando marrons quando amadurecem no ano seguinte, guardando entre 80 e 200 sementes em seu interior.



Estas sementes são muito apreciadas por seu grande valor nutritivo. São comestíveis e constituem um alimento importante entre os povos indígenas dos pehuenches, que vivem nos Andes da Argentina e do Chile. Neste último país, onde a araucária foi declarada monumento natural, seu corte é proibido. Na Espanha, podemos encontrá-la crescendo naturalmente na costa norte, onde é geralmente utilizada como decoração de jardins. Sua madeira é considerada de ótima qualidade, sendo usada para a fabricação de móveis e de pasta de celulose.



Araucária no Real Jardim Botânico Afonso XIII-UCM.
Rotas Pangea. 2021

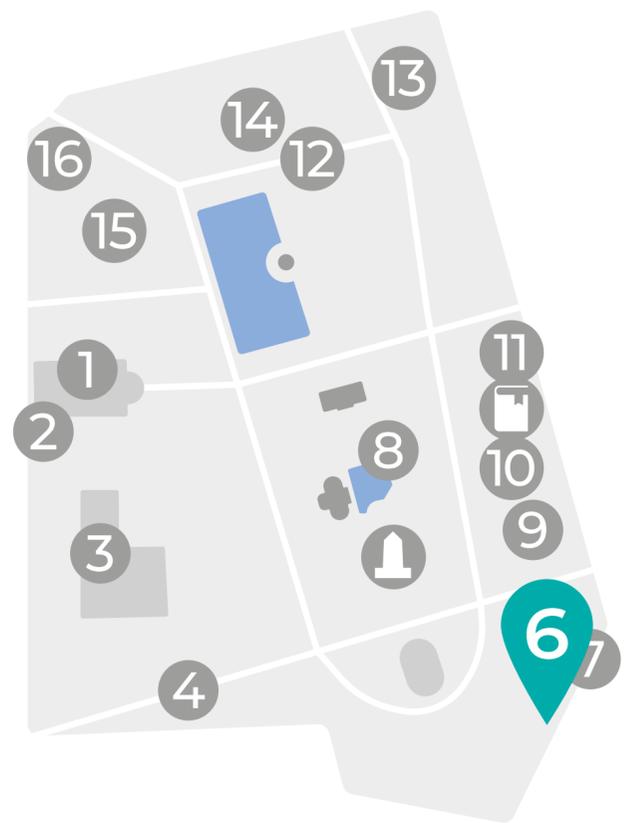


6 Sequoia-gigante

Sequoiadendron giganteum

↑ Tem grande porte e longevidade

📍 Grande população no Parque de Yosemite



Não muito longe daqui, temos a **Sequoia-gigante** (*Sequoiadendron giganteum*), ou árvore-mamute, originária do norte da Califórnia. Foi descoberta em 1831 por dois botânicos e enviada para Londres em 1853, espalhando-se para o resto da Europa. São espécimes de vida muito longa, e podem viver por mais de 2.000 anos. Hoje, a maior árvore do mundo é uma sequoia-gigante conhecida como “General Sherman”, situada na Califórnia. Tem 83,8 metros de altura, 11 metros de diâmetro na base e 31 metros de circunferência.



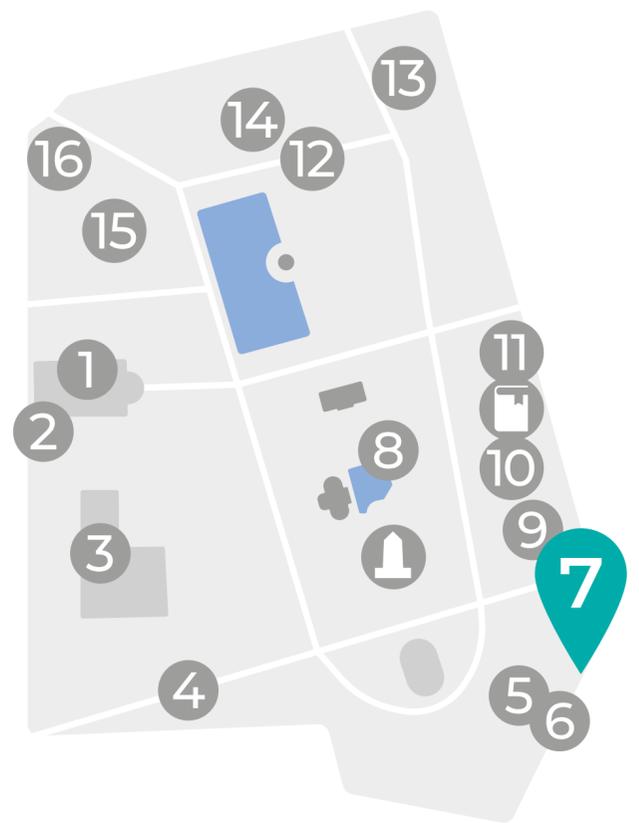
Sua altura imponente, muito característica da espécie, pode ultrapassar 100 metros quando completamente madura. Seu tronco é reto, com casca fibrosa castanho-avermelhada. Seus galhos, inclinados para baixo, são cobertos com folhas durante todo o ano. Sua madeira racha facilmente, por isso, não é uma árvore usada na construção, embora algumas vezes tenha sido usada para fazer cercas, postes ou fósforos. No final do século XIX e início do século XX, um grande número de sequoias-gigantes foram abatidas na Califórnia. São famosas as do Parque Nacional de Yosemite, também no Estado da Califórnia, onde foi aberto um túnel no tronco da conhecida “árvore Wawona”, pelo qual passava uma estrada. Tinha 69 metros de altura e 7,9 metros de largura, e caiu por causas naturais em 1969. Hoje, felizmente, existem reservas para a proteção desta espécie.



7 Laranjeira-de-osage

Maclura pomifera

- ⚙ Sua madeira é usada para fabricar arcos
- ⚙ Sua casca é utilizada para fazer tinturas



Seguindo em direção à **Porta do “Niño Jesús”**, chegamos à **Laranjeira-de-osage** (*maclura pomifera*), também conhecida em espanhol como “Naranjo de Louisiana”, um de seus lugares de procedência. Nativa dos Estados Unidos, nasce especificamente nas áreas áridas da Louisiana e do Texas. É também conhecida como pau-d’arco (*bois d’arc*), em referência ao arco feito com a madeira destas árvores pelos índios osages, caçadores e guerreiros que habitavam as planícies da América do Norte. É utilizada até hoje por arqueiros profissionais.

Tem um tronco estriado alaranjado, uma copa muito frondosa e seus ramos são cobertos de espinhos, razão pela qual algumas vezes é usado para fazer



cercas-vivas. As folhas, que permanecem na árvore de maio a dezembro, são ovais, grandes e de um verde brilhante e se distribuem alternadamente sobre os galhos. Floresce no meio da primavera, em maio, dando flores que não são muito atraentes em termos ornamentais. Já os frutos, germinam por volta de junho e amadurecem na árvore até dezembro, atingindo um diâmetro aproximado de 15 centímetros e pesando até um quilo. São redondos e têm uma superfície áspera, e quando ainda jovens, são verdes, ficando amarelos quando amadurecem.

A casca é usada para fazer tinturas. Os frutos liberam um intenso cheiro de laranja (daí o nome), razão pela qual às vezes são colocados em armários para repelir insetos. No entanto, não devem ser confundidos com laranjas comuns, pois são tóxicos para o consumo humano. Nos Jardins do Retiro, encontramos apenas duas laranjeiras-de-osage, ambas aqui, no Jardim de “Vivaces”.



Monumento a Ricardo Codorníu. Rotas Pangea. 2021



Vamos voltar para a “Rosaleda”, dirigindo nossos passos ao Palácio de Cristal.  Embora não seja uma árvore, nesta rota botânica faremos uma parada no Monumento a Ricardo Codorníu, uma homenagem ao engenheiro florestal Ricardo Codorníu Stárico, conhecido como o “Apóstolo da Árvore”, erigido por seus colegas do Corpo Nacional de Engenheiros

Nascido em Cartagena (Espanha) em 1846, foi responsável pela tarefa titânica de reflorestar Sierra Espuña (um paradigma de recuperação florestal de uma paisagem) e deter as dunas que inundaram Guardamar, ambos lugares de sua terra natal. Por estas e outras ações similares, recebeu um grande reconhecimento.

Seu pensamento pode ser inserido no movimento “regeneracionista”, que se espalhou na Espanha no final do século XIX. Era também avô materno de outro importante engenheiro espanhol, Juan de la Cierva, inventor do autogiro.

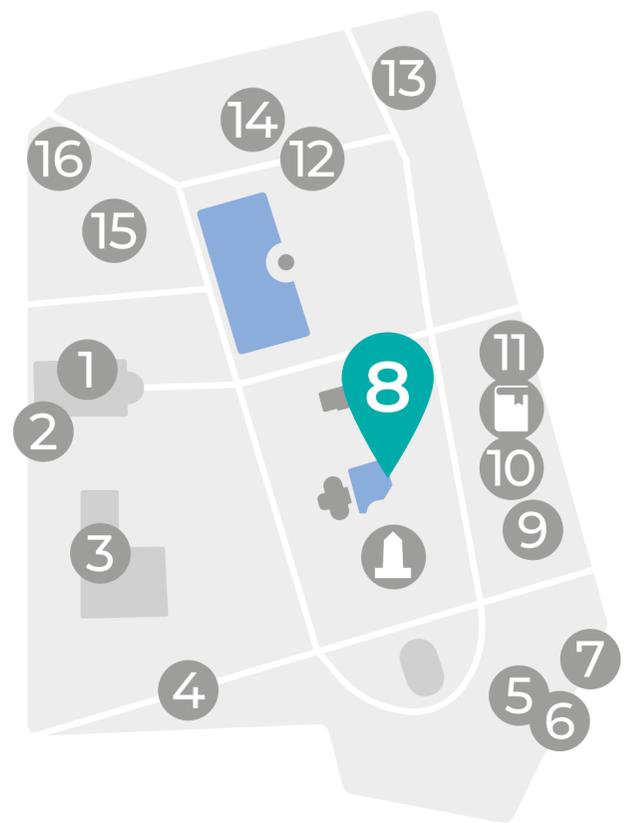


8 Cipreste-dos-pântanos

Taxodium distichum

↑ Atinge até 40 metros

⚙️ Sua madeira é utilizada para a construção industrial



Bem perto, no lago do Palácio de Cristal, temos outra conífera. Neste caso, trata-se de um **Cipreste-dos-pântanos** (*Taxodium distichum*), a árvore oficial do Estado da Louisiana. É originária do sudeste dos Estados Unidos. É uma das poucas árvores desta família que pode crescer dentro da água, principalmente devido a dois fatores: por um lado, seu tronco largo, que lhe dá a estabilidade necessária para se manter em pé, e por outro, suas raízes aéreas, que a ancoram ao solo e lhe fornecem o oxigênio que estas árvores não podem obter do subsolo, só são visíveis quando o lago esvazia parcialmente suas águas.

O tronco, apesar do alargamento na base que mencionamos antes, é alto e ereto, atingindo até 40 metros.



As folhas, que se conservam durante a maior parte do ano, de abril a novembro, são verdes claras, ficando avermelhadas no outono, quando caem e deixam o tronco nu, razão pela qual a árvore também é conhecida coloquialmente como “cipreste-calvo”.

A resistência de sua madeira à decomposição faz com que esta espécie seja amplamente utilizada em algumas áreas dos Estados Unidos como material de construção de edifícios, assim como para fazer tanques, tonéis ou barcos, entre outras coisas.



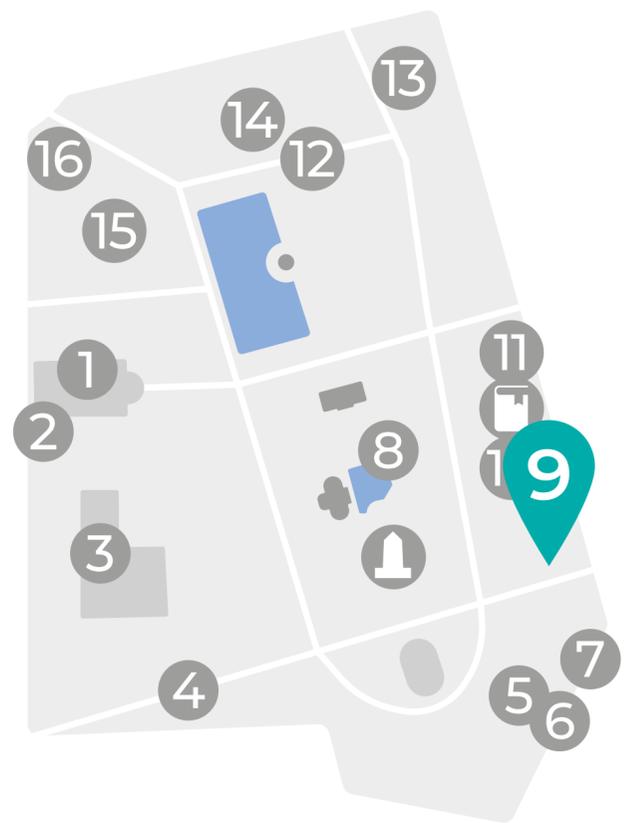


9 Cipreste-da-califórnia

Cupressus macrocarpa

 Muito usado em jardins perto do mar

 Graças a sua copa frondosa, é usada para formar cercas-vivas.



Vamos agora, precisamente, aos Jardins de Cecilio Rodríguez para ver o **Cipreste-da-califórnia** (*Cupressus macrocarpa*), uma árvore comum nos jardins da Europa e da América, sendo nativa deste último continente (sudoeste dos Estados Unidos) e onde ainda sobrevive em estado natural, especificamente nas florestas de Cypress Point e Point Lobos, na Baía de Monterey, no sul da Califórnia, dois lugares onde está ameaçada devido aos incêndios ocorridos nesta área. Sua natureza a torna resistente ao salitre, sendo assim amplamente utilizada em jardins próximos ao mar.



É muito parecido com o cipreste comum; para distingui-lo, podemos esfregar suas folhas, que liberam um cheiro cítrico, semelhante ao das tangerinas. A forma em que pode ser encontrado em seu estado natural é piramidal, atingindo até 30 metros de altura, aproximadamente. As folhas, que permanecem o ano inteiro, são do tipo escamosas e estendem-se ao longo dos galhos principais e ramos até estarem quase completamente cobertos. Floresce por volta de março, enquanto os frutos, pinhas avermelhadas, crescem entre maio e outubro.

Sua copa frondosa torna estas árvores ideais para fazer cercas-vivas com elas, assim como para decoração, dando-lhes infinitas formas através da poda. Esta arte é chamada de topiaria, uma prática de jardinagem que consiste em dar formas artísticas às plantas, podando-as com tesouras de poda.

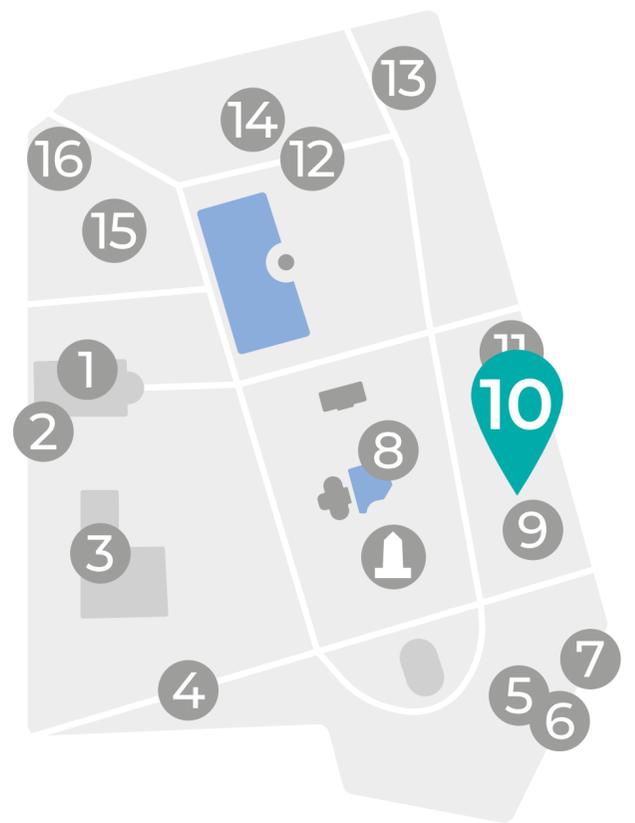


10 Bordo-prateado

Acer saccharinum

 Incluído no “Catálogo das árvores singulares de Madri”

 O xarope de bordo é extraído de sua seiva



A próxima parada será em frente a um **bordo prateado** (*Acer saccharinum*), uma das seis árvores incluídas no “Catálogo de árvores singulares de Madri”, encontrado no Parque do Retiro. É uma espécie nativa do leste dos Estados Unidos e de áreas do sudeste do Canadá. Pode atingir uma altura de até 40 metros. As folhas têm cinco lóbulos pronunciados com bordas irregularmente serrilhadas. Sua parte inferior é prateada, daí seu nome, e permanecem sobre os galhos entre março e outubro. A casca do tronco é da mesma cor cinza prateada e sem brilho. Floresce em março e abril, germinando seus frutos em maio e junho; estes são formados por duas sâmaras angulares. É precisamente esta forma que



os faz virar sobre si mesmos, permitindo assim que suas sementes sejam dispersas pelo vento quando caem da árvore.

Seu nome específico, saccharinum, significa “produtor de açúcar” e o xarope de bordo é extraído de sua seiva, que tem um característico sabor doce e muito típico na América do Norte.

 Vamos em direção à Porta “Doce de Outubro” (Doze de Outubro), de onde podemos ver um curioso edifício conhecido como a Biblioteca Popular dos Jardins do Arquitecto Herrero Palacios. Construída em 1919, no estilo modernista, é mais um exemplo do papel do Parque do Retiro na promoção da cultura.



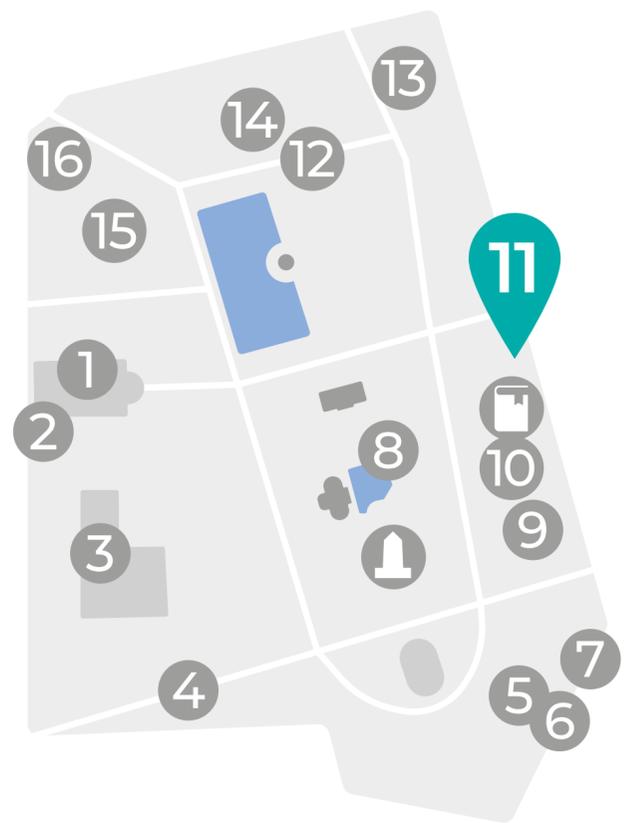
11 Liquidâmbar

Liquidambar styraciflua

 Proveniente do México e da Guatemala

 Seu âmbar é usado como incenso

 Os astecas o usavam como moeda



A pouquíssimos metros, encontramos o **Liquidâmbar** (*Liquidambar styraciflua*), espécie nativa do México, Guatemala e do sudeste dos Estados Unidos, crescendo de forma natural no Estado da Virgínia. Em 1861, o religioso John Banister, que se dedicava ao estudo da História Natural, especialmente na Virgínia, introduziu esta árvore pela primeira vez na Europa, que se espalhou pelos jardins europeus graças à maravilhosa mistura de cores que suas copas apresentam no outono, com tonalidades de verde, amarelo e vermelho de forma simultânea.

Com uma altura de até 40 metros, formam-se cristas nos galhos e os ramos são revestidos de cortiça. As folhas crescem entre abril e novembro e são semelhantes



às do bordo; têm a forma de estrela com 5 ou 7 lóbulos com bordas serrilhadas. A floração ocorre entre abril e maio. Quanto aos frutos, brotam em maio e amadurecem até novembro, transformando-se em uma bola cheia de espinhos que protegem seu interior dos animais.

A casca destas árvores produz uma substância líquida, amarela, odorífera e semelhante ao âmbar. Esta resina, também conhecida como “estoraque” e “copalme americano”, é utilizada na América do Sul como incenso em casas e templos. Os astecas a utilizavam para aromatizar o tabaco, bem como para moeda.

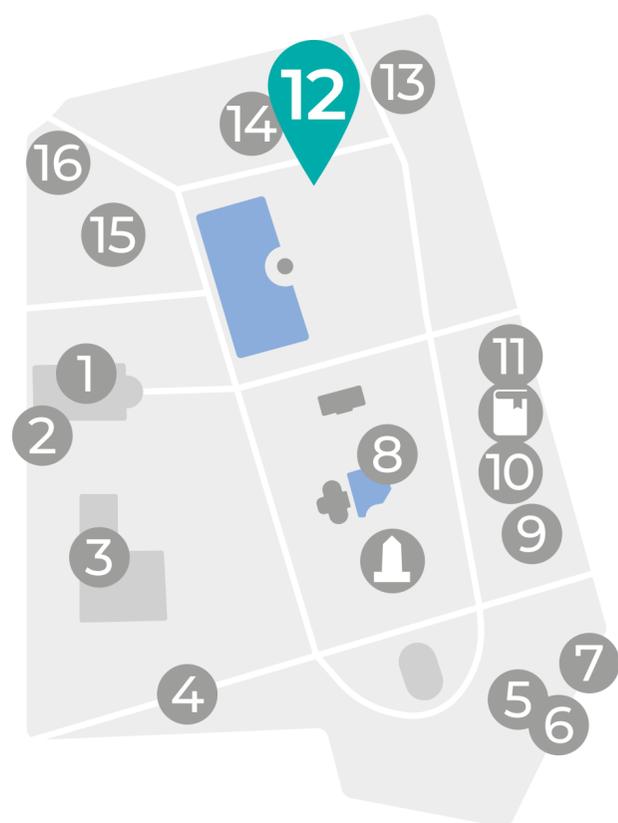




12 Sequoia-vermelha

Sequoia sempervirens

-  Conífera nativa das costas da Califórnia
-  Seu nome provém de um índio cheroqui
-  Pode atingir até 100 metros de altura



Depois do Passeio da República Dominicana, vamos para o Passeio do Lago, onde vamos virar à direita na direção do Monumento à República de Cuba. Neste ponto, poderemos apreciar três exemplares de **Sequoia-vermelha** (*Sequoia sempervirens*). Conífera procedente dos Estados Unidos, especificamente das costas da Califórnia, onde cresce naturalmente, graças às abundantes chuvas e neblinas da região, é a única árvore que representa seu gênero e o nome científico “Sequoia” é uma homenagem a George Guess, mais conhecido como “Sequoyah”, um índio que é reconhecido pela invenção do alfabeto cheroqui no início do século XIX.



É uma das árvores mais altas do mundo, atingindo uma altura de mais de 100 metros. De fato, a árvore mais alta conhecida hoje é a sequoia “Hyperion”, com 115,5 metros de altura. O tronco destes espécimes tem uma casca avermelhada, bastante grossa. Os galhos crescem alternadamente ao longo do tronco, estando cada galho cheio de folhas sempre verdes, que estão dispostas em duas fileiras. Floresce por volta de março e abril. O fruto é uma pinha ovoide que germina no inverno, por volta de dezembro, e permanece sobre a árvore até começar a amadurecer no outono, entre setembro e novembro.



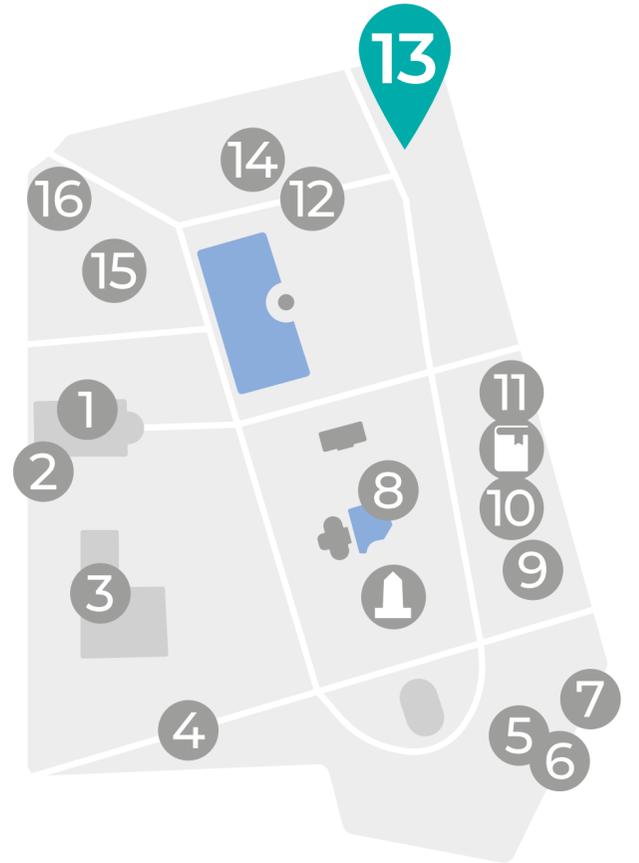
13 Assobiadeira

Schinus polygamus

 Nativa do Chile e da Argentina

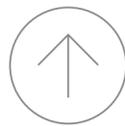
 Seu nome significa “árvore da terra”

 Seus frutos são usados para fazer um aguardente



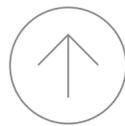
Vamos para as Ruínas da Igreja de São Isidoro de Ávila para conhecer a **Assobiadeira** (*Schinus polygamus*). É uma árvore nativa do Chile e da Argentina, das terras habitadas pelo povo mapuche, cuja cultura está intimamente ligada a esta espécie, que eles chamam de “huingaco”, que significa “árvore da terra”, ou “árvore nativa”, enquanto a própria palavra “mapuche” significa “povo da terra”.

Em 1783, Hipólito Ruiz López e José Antonio Pavón y Jiménez, dois botânicos que estavam a bordo da Expedição Botânica ao vice-reinado do Peru mencionados antes de iniciar nosso passeio, enviaram ao Real Jardim Botânico as primeiras sementes de assobiadeira que chegaram à Europa.



Caracteriza-se por ser uma árvore não muito alta, entre 1 e 3 metros de altura, com um tronco cheio de galhos longos e finos, que geralmente terminam em ponta espinhosa. De folha perene, floresce de junho a outubro, com flores amarelas.





Os frutos, do tipo drupa, germinam em setembro, tornando-se roxos quando maduros, por volta do mês de março do ano seguinte. Sua grande capacidade de adaptação a diferentes condições e ambientes tornou a assobiadeira uma espécie altamente valorizada para uso ornamental. Além disso, os ramos espinhosos favoreceram seu uso como uma cerca natural. Quanto aos frutos, são usados para fazer aguardente e uma bebida chamada “chicha”.



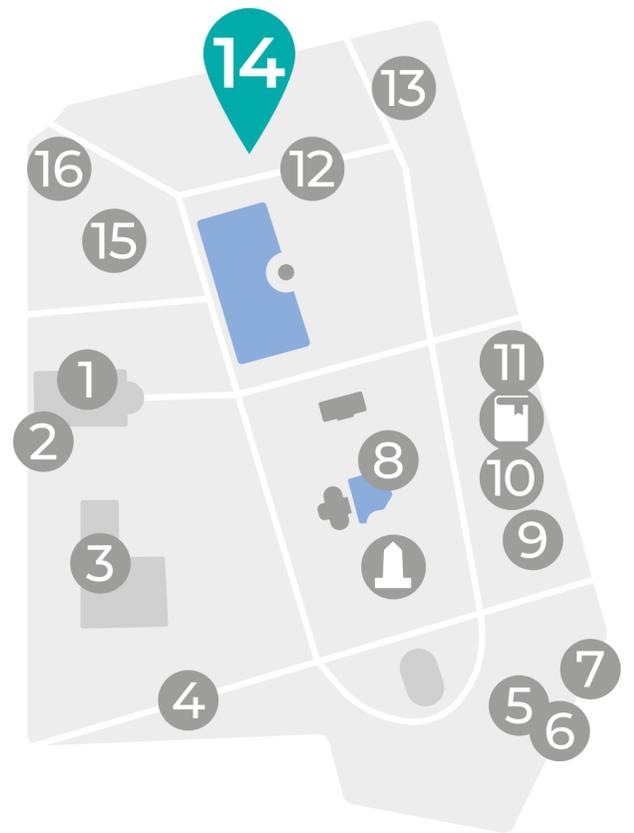
14 Cipreste-do-arizona

Cupressus arizonica

-  Nativo do México e do Arizona

-  Pode viver mais de 200 anos

-  Amplamente usado em jardinagem



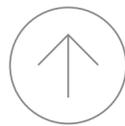
Caminhamos em direção à Praça da Galiza. Nas proximidades, encontraremos um **Cipreste-do-arizona** (*Cupressus arizonica*), uma árvore nativa do México e do Arizona. Possui uma copa bastante densa de galhos que crescem formando uma pirâmide alongada. Quanto ao tronco, vai se alargando com o passar do tempo e pode viver por mais de 200 anos. Sua casca é roxa escura e, com a idade, desprende-se em tiras.

Suas folhas, que se mantêm durante todo o ano, têm a forma de escamas, e pode ser facilmente distinguido do cipreste comum porque têm uma cor verde-azulada, além de exalar um cheiro forte quando friccionadas.



Graças à rapidez com que cresce e a facilidade com que pode ser podada, há anos esta espécie vem sendo usada para fazer cercas-vivas. Porém, este uso tem diminuído com o tempo, porque produz uma quantidade abundante de pólen, que é altamente alergênico.



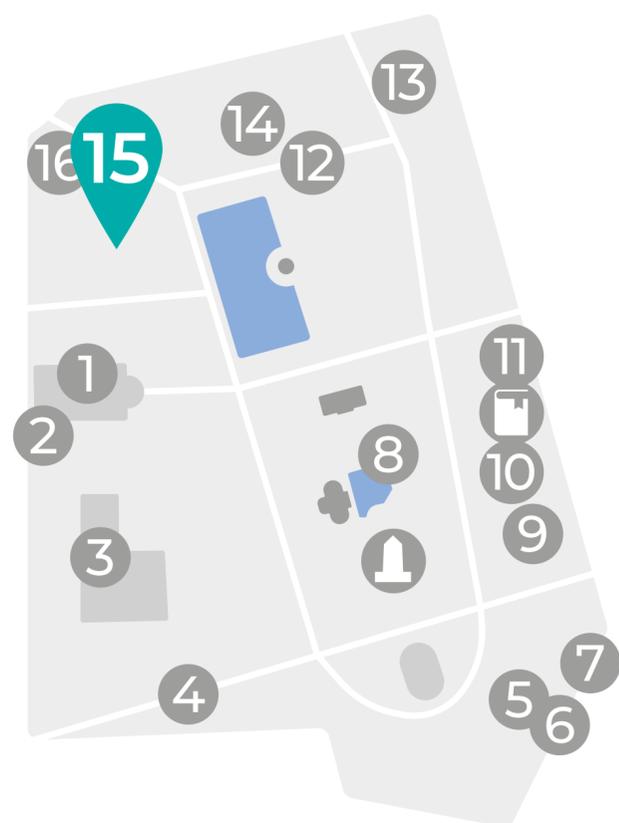


15 Catalpa

Catalpa bignonioides

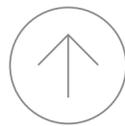
 Grande resistência e adaptabilidade

 Acredita-se que repelem insetos



Ao nos dirigirmos para o Teatro de Marionetes do Retiro, à esquerda, está nosso próximo exemplar: a **Catalpa** (*Catalpa bignonioides*) ou Catalpa americana, nativa do sudeste dos Estados Unidos. Seu nome deriva da palavra “cataba”, que significa “charuto”. Os índios cheroquis chamavam esta espécie desta maneira porque no outono, quando as folhas caíam, somente os frutos marrons, que parecem charutos pendurados, permaneciam nas copas das árvores. O nome da espécie foi dado por Pane Bignon, bibliotecário de Louis XV da França.

A catalpa cresce rapidamente, embora raramente ultrapasse os 12 metros de altura. Com um tronco fino, seus galhos também são finos e de cor esverdeada, criando uma larga copa arredondada que ficará coberta



com folhas de abril a setembro. Estas folhas são grandes e em forma de coração, e são cobertas na parte inferior por uma penugem que as tornam muito macia ao toque.

Floresce durante a primavera e até o início do verão, dando flores brancas em forma de sino com estrias amarelas no interior, que se agrupam em cachos.

Os índios cheroquis amassavam os frutos da catalpa e os utilizavam como tabaco, misturando-os com a casca para produzir uma substância com efeitos narcóticos e sedativos. Por ser uma árvore resistente e altamente adaptável, as catalpas são amplamente plantadas nos centros das cidades e sua floração vistosa as tornam ideais para a ornamentação urbana. Acredita-se que as catalpas também repelem moscas e mosquitos.

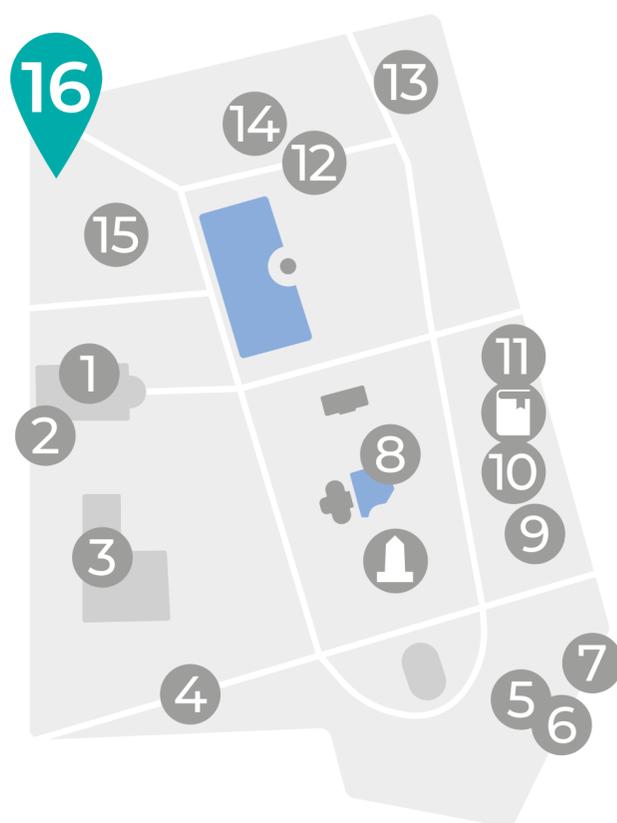


16 Acácia-bastarda

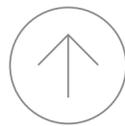
Robinia pseudoacacia

 Grande resistência e adaptabilidade

 Acredita-se que repelem insetos



Seguimos em direção à Porta da Independência em busca da Acácia-bastarda (*Robinia pseudoacacia*), nossa última parada. Deve seu nome ao botânico e farmacêutico francês Jean Robin, que no século XVII introduziu os primeiros exemplares desta planta na Europa, trazendo-os da América do Norte oriental e central, seu lugar de origem, para Paris. No século XVIII, Louis Riqueur, o boticário de Felipe V, ordenou que suas sementes fossem trazidas da França para o viveiro “Migas Calientes”, de onde seriam levadas para serem plantadas no Retiro, onde se tornariam as primeiras acácias-bastardas em Madri.



Com uma grande longevidade e uma altura de até 25-30 metros, a casca de seu tronco é marrom-acinzentada, enrugada e fendida. É uma árvore decídua com folhas longas. Floresce de abril a maio, produzindo flores brancas, em forma de borboleta, que crescem em cachos. O fruto germina entre junho e agosto, amadurecendo de setembro a novembro. É uma leguminosa plana, avermelhada, medindo de 5 a 10 centímetros.

Como curiosidade, vale mencionar que as flores das acácias-bastardas, conhecidas em espanhol como “pan y quesillo” (pão e queijinho), são comestíveis e em algumas localidades de Madri têm sido usadas na preparação de sopas e tortilhas. No entanto, mais do que na alimentação, são usadas em jogos infantis. Quanto a sua madeira, diz-se que a maioria dos prédios em Boston foram construídos com ela antes do grave incêndio que a cidade sofreu em 1760.



AGRADECIMENTOS

Secretaria de Turismo, Prefeitura de Madri
Secretaria de Meio Ambiente e Mobilidade,
Prefeitura de Madri
Secretaria de Cultura, Turismo e Esportes,
Prefeitura de Madri
Arquivo da “Villa de Madrid”
Arquivo Universidade de Salamanca
Prefeitura de Madri
Basílica Nossa Senhora de Atocha
Biblioteca Digital memória de Madri
Casa da América
Círculo de Belas Artes de Madri
Hemeroteca Municipal
Museu da América
Museu da História de Madri
Museu Nacional de Antropologia
Museu Nacional de Ciências Naturais
Museu Sorolla
Parque do Retiro
Patrimônio Nacional
Real Jardim Botânico Alfonso XIII-UCM



BIBLIOGRAFIA

- ARIZA MUÑOZ, Carmen, Los jardines del Buen Retiro de Madrid. Barcelona, Lunwerg, 1990.
- MARIBLANCA, Rosalía, Historia del Buen Retiro. Madrid. La Librería, 2008.
- CÓRDOBA, Edna, El papel de la décima espinela en la cultura latinoamericana, La Clé des Langues, Lyon, ENS de LYON/DGESCO (ISSN 2107-7029), 2014. URL: <http://cle.ens-lyon.fr/espagnol/litterature/litterature-latino-americaine/poesie/el-papel-de-la-decima-espinela-en-la-cultura-latinoamericana>
- TRAPERO, MAXIMIANO, VICENTE ESPINEL, LA DÉCIMA ESPINELA Y LO QUE DE ELLOS DICEN LOS DECIMISTAS, en el VI Encuentro-Festival Iberoamericano de la Décima y el Verso Improvisado. Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de La Palmas, Cabildo de Gran Canaria y Acade, 2000: I, Estudios, 117-137.



BIBLIOGRAFIA AMPLIADA

- MÉLIDA, Julia: Biografía del Buen Retiro. Imp. Astur, Madrid, 1946
- ORDIU, José: Casa de Madrid. Apuntes para la historia del Buen Retiro. Vicente Rico, Madrid, 1925
- LUCA DE TENA, Cayetano: El Buen Retiro. Prensa Española, Madrid, 1971
- BLASCO, Carmen: El Palacio del Buen Retiro de Madrid. Un proyecto hacia el pasado. Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, Madrid, 2001
- FERNÁNDEZ DE LOS RÍOS, Ángel: Guía de Madrid. La Ilustración Española y Americana, Madrid, pp. 338-384
- D. E. R. N: Guía histórica del Parque de Madrid, antes Buen Retiro. Contiene una serie de datos históricos y noticias curiosas. Madrid, 1879
- ARIZA MUÑOZ, Carmen: Los jardines de Madrid en el siglo XIX. El Avapiés, Madrid, 1988



- RIZA MUÑOZ, Carmen: Los Jardines del Buen Retiro de Madrid. Ayuntamiento de Madrid, Madrid, 1990
- GUERRA DE LA VEGA, Ramón: Los parques de Madrid. 1. El Buen Retiro. ed. del autor, Madrid, 1983
- GRASES RIERA, José: Mejoras y reformas de Madrid. El Retiro de Madrid, los jardines del Buen Retiro, el Salón del Prado. Fontanet, Madrid, 1905
- CATURLA, María Luisa: Pinturas, frondas y fuentes del Buen Retiro. Revista de Occidente, Madrid,
- BROWN, Jonathan y ELLIOTT, John H: Un palacio para el rey. El Buen Retiro y la corte de Felipe IV. Alianza Editorial, Madrid, 1981-1985
- AZCARATE, José María: “Anales de la construcción del Buen Retiro.”, en Anales del Instituto de Estudios Madrileños, t. I, 1966, pp. 99-137
- ARIZA, Juan de: “El Buen Retiro.”, en Semanario Pintoresco Español, nº 36, 8-IX-1850, pp. 287-288



- GÓMEZ IGLESIAS, Agustín: “El Buen Retiro.”, en Villa de Madrid, n° 24, 1968, pp. 25-38
- GOÑI, Francisco: “El Real Sitio del Retiro.”, en Nuevo Mundo, n° 463, 21-XI-1902
- ARIZA MUÑOZ, Carmen: “Los jardines del Buen Retiro en el siglo XIX.”, en Anales del Instituto de Estudios Madrileños, t. XVI, 1979, pp. 327-378
- AMADOR DE LOS RÍOS, Rodrigo: “Los jardines del Buen Retiro. Notas de su historia.”, en La España Moderna, n° 193, en. 1905
- DOMÍNGUEZ BORDOÑA, J: “Noticias para la historia del Buen Retiro.”, en Revista de la Biblioteca, Archivo y Museo del Ayuntamiento de Madrid, n° 37, en. 1933, pp. 83-90



Autoria: Jesús Blázquez, Rotas Pangea.

Coordenação: Arancha Álvarez Montoya
e equipe da Direção-Geral de Cultura da OEI

Design e diagramação: wearebold.es

Imagem da capa: Joaquín Sorolla Bastida.
El Retiro, Madri 1898. Museu Sorolla, nº inv. 00397.

ISBN: 978-84-7666-294-6

Com a colaboração de:

